

ENTREVISTA COM ANGEL VIANNA

Para esta edição da revista do Centro de Pesquisa e Formação, tivemos a oportunidade de entrevistar a bailarina Angel Vianna. Em fevereiro deste ano, ela veio para São Paulo a trabalho e ficou hospedada na casa de sua amiga Isaura Botelho. Aproveitamos para bater um papo numa tarde de sexta-feira; éramos: Isaura¹, Juliano², Rosana³ e Angel.

Como ela mesma menciona na entrevista, ela tem muitas histórias para contar a respeito da sua trajetória como bailarina, de suas relações com diversos artistas e intelectuais, de seu casamento com o também bailarino e coreógrafo Klauss Vianna, do seu papel na formação de profissionais da dança e de muitos outros assuntos que não seria possível elencar aqui.

Transcrevemos abaixo alguns trechos dessa deliciosa conversa com uma das maiores artistas brasileiras, que, aos 87 anos, continua trabalhando intensamente pela dança no Brasil.

EU ACREDITO NO QUE EU ESCOLHI PARA FAZER E FIZ COM MUITO DESEJO.

Eu comecei lá em Belo Horizonte. Comecei a trabalhar com a área de Artes Plásticas, fui aluna do Guignard⁴ durante um bom período, na área de desenho, e tive aula com o Franz Weissman⁵, que dava aula de escultura. Eu gostava de fazer minhas esculturas, porque eu gosto de manipular, eu nem sabia que eu gostava e aprendi a gostar. Eu comecei a usar a massa de argila e outros materiais. Uma coisa bonita que eu ouvi dele, foi quando eu disse: professor, me ensina a fazer escultura? Ele respondeu: Angel, eu não vou te ensinar a fazer escultura, eu vou te ensinar a usar o material da escultura, quem faz a escultura é você. Que belo professor, ele tinha o cuidado de ensinar a manipular os materiais. É igual ao meu

1 Isaura Botelho, pesquisadora, gestora cultural e consultora do Sesc São Paulo.

2 Juliano Azevedo, assistente técnico responsável pela área de Dança na Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo.

3 Rosana Elisa Catelli, coordenadora de programação do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo.

4 Alberto da Veiga Guignard (1896 – 1962), pintor brasileiro; instalou em 1944, a convite do então presidente Juscelino Kubitschek, um curso de desenho e pintura no Instituto de Belas Artes, em Belo Horizonte.

5 Franz Weissman (1911 – 2005) nasceu na Áustria e veio para o Brasil com 11 anos. Tornou-se uma referência na escultura brasileira. Mudou-se para Belo Horizonte em 1945, onde lecionava aulas de desenho e escultura. Em 1948, foi convidado por Guignard para dar aulas na Escola do Parque.

trabalho, se eu toco num aluno, eu manipulo toda a textura, os ossos, a pele.

Em Belo Horizonte eu fiz música, artes plásticas, dança. A música começou muito cedo na minha vida. Todas essas artes foram muito importantes para mim, porque todas fazem parte de um trabalho necessário a uma escola de dança. A dança foi a última a entrar na minha vida, começou com o Carlos Leite⁶, em Belo Horizonte.

Eu sou de família árabe, libanesa, e para o meu pai, a dança para uma moça não era uma coisa boa, mas eu me virava bem com a minha mãe, falava que eu ia à casa de uma amiga, e pronto! Ele não era bravo, mas era decidido. Não, era não, e pronto!

Bom, consegui me formar em todas essas áreas, a escola do Guignard foi muito importante para mim. Em Belo Horizonte, nos anos 50, tinha chegado uma mulher fantástica chamada “Jane Mild”, era Belga, e foi chamada pela polícia militar para fazer o retrato falado dos bandidos da época. E eu soube que ela fazia escultura, fazia retrato falado e fazia máscara, eu achei que ela iria me ensinar muito bem a fazer as esculturas porque ela fazia a própria pessoa. Estudei com ela, ao mesmo tempo terminei a escola de Belas Artes. Aí veio o Carlos Leite, acabei entrando na escola de ballet junto com Klauss Vianna⁷, que era o meu grande amigo. Junto com a gente estava Décio Otero⁸, Jura Otero⁹, era muita gente. Eu tenho muita história para contar.

Carlos Leite amava o que fazia, era muito rigoroso, vinha com aquelas varinhas nas pernas, mas era para fazer a gente crescer. Ele dava aula de ballet. Eu e o Klaus fazíamos ballet. Carlos Leite era do Rio Grande do Sul, mas já estava no teatro municipal de Belo Horizonte há muito dançando. Dançou também com o ballet russo, fizeram concurso no Rio e entrou junto com Tatiana Leskova¹⁰. E eu e o Klauss fomos ver o Ballet da

6 Carlos Leite (1914 - 1995), bailarino brasileiro nascido em Porto Alegre, onde estudara canto, mudando depois para o Rio de Janeiro, onde estudara arte dramática e balé. Em 1943 vai dançar em Londres, mas com a eclosão da Segunda Guerra, volta ao Brasil. Em 1945 torna-se o primeiro bailarino do Municipal do Rio de Janeiro e depois ajuda a fundar o Ballet da Juventude, onde se destaca como maître de ballet, coreógrafo, diretor de cena e assistente de Igor Schwesoff, diretor da companhia. Em 1948 criou a Escola de Dança Clássica de Minas Gerais, sediada em Belo Horizonte.

7 Klauss Vianna (1928 – 1992), nasceu em Belo Horizonte. Estudou ballet clássico com Carlos Leite em Belo Horizonte. Fundou o Ballet Klaus Vianna e casou-se com Angel em 1955.

8 Décio Otero, nasceu em Minas Gerais, na cidade de Ubá; em 1971 fundou o Ballet Stagium.

9 Jura Otero, bailarina mineira e mulher de Décio Otero.

10 Tatiana Leskova (1922 -), bailarina brasileira de origem russa. Esteve à frente do ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro por vários anos.

Juventude¹¹, com ele e a Tatiana Leskova, e nós ficamos muito encantados. E o Carlos Leite foi convidado pela UNE para ficar em Minas e nessa época ele fundou a Companhia de Dança de Minas Gerais. Ele foi lá para o edifício do INPS, lá no 9º andar para fazer o estúdio dele, perto do Cine Brasil, na Praça 7, em Belo Horizonte. Ficamos lá um tempão; fundou a Companhia de Minas Gerais, estava eu e o Klauss, Marilene Martins, que depois fundou o Transforma. Que era minha colega de dança e depois foi para a minha escola. Nós viajavamos muito pelo triângulo mineiro para dançar. Nós fugíamos um pouco, tomávamos uma cervejinha, depois morria todo mundo de medo do Carlos Leite.

A GERAÇÃO COMPLEMENTO

Era uma turma - foi fantástico -, era a Geração Complemento¹², que era Ivan Angelo, Frederico de Moraes, era um grupo de 40 companheiros. Minas não tinha grandes coisas naquela época; a grande coisa era a Geração Complemento, que cada um tinha uma profissão, se viam todo final de semana e um ajudava o outro.

Minas era cheia de montanhas naquela época e abrigou essa Geração Complemento, de onde saíram pessoas fantásticas. Fundaram o Teatro Experimental, com Jota Dângelo¹³, que é casado com a sobrinha do Tancredo Neves, um bom médico e um bom ator. Tinha o Carlos Kroeber¹⁴, Ezequiel Neves¹⁵, Silviano Santiago¹⁶, Ceschiatti¹⁷, Isaac Karabtchevsky¹⁸, que regia a orquestra sinfônica de lá e criou o Madrigal Renascentista de

11 No ano de 1947, o Ballet da Juventude se apresenta em Belo Horizonte. Klauss e Angel assistem a um dos espetáculos e decidem começar a fazer aulas de dança com o professor Carlos Leite, que tinha sido convidado pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Minas Gerais para montar uma escola em BH.

12 Grupo que surgiu em torno da criação da revista Complemento, em 1956, em Belo Horizonte, composto por Ary Xavier, Ezequiel Neves, Heitor Martins, Theotônio dos Santos Junior e Silviano Santiago. Foram publicados quatro números da Revista, de 1956 a 1958. A Revista, além dos escritores fixos, possuía vários colaboradores, de diversas áreas, que se complementavam, entre eles: Frederico Moraes (crítico de arte), Flávio Pinto Vieira (crítico de cinema), Heitor Martins (ensaísta), Valmiki Vilela Guimarães (poeta), Carlos Kroeber (ator) e Klauss Vianna (bailarino).

13 José Geraldo Dangelo nasceu em São João Del Rey, em Minas Gerais. É ator e dramaturgo que renovou o teatro em Belo Horizonte, com a criação do Teatro Experimental.

14 Carlos Henrique Kroeber (1934 – 1999), nasceu em Belo Horizonte, foi ator e um dos fundadores do Teatro Experimental.

15 Ezequiel Neves (1935 – 2010) nasceu em Belo Horizonte, foi jornalista e produtor musical.

16 Silviano Santiago (1936 -) nasceu em Formiga, Minas Gerais. É ensaísta, contista e romancista.

17 João Ceschiatti, diretor de teatro.

18 Isaac Karabtchevsky (1934 -), maestro paulistano que iniciou sua carreira no Madrigal Renascentista em Belo Horizonte.

Belo Horizonte. Era um momento histórico, era um grande momento para a juventude de Minas.

Esse nome Geração Complemento foi dado por todos, porque um complementava o outro, e a dança complementava o teatro, a música complementava a dança, a literatura o cinema e assim por diante.

Os jornalistas da Geração Complemento, Ivan, Frederico de Moraes, Flávio Pinto Vieira, eles nos acompanhavam em todas as viagens que fazíamos por Minas, pelo Rio, por São Paulo. São Paulo foi a cidade que mais nos acolheu. Renée Gumiel¹⁹ na época perguntou para mim e para o Klauss em qual país nós tínhamos estudado, nós nunca tínhamos saído de Minas e a gente estudou com nós mesmos, em Minas, e com o Carlos Leite.

Minas naquela época não tinha muita coisa, mas nós tínhamos uma formação mais global. Por exemplo, em Minas tinha o Centro de Estudos Cinematográficos, o CEC. A Geração Complemento lutava para fazer de Minas o lugar das artes, depois cada um foi para um lado, Rio, São Paulo.

Além da arte, a Geração Complemento lutava por Minas, para ser um lugar melhor e para a arte crescer em Minas. Nós não tínhamos dinheiro, mas sempre fazíamos através de um ou de outro. O Jota Dângelo, por exemplo, por suas ligações familiares importantes, ele conseguia muitas vezes que a gente trabalhasse com a orquestra sinfônica da polícia militar. Nós só dançávamos com a polícia!

A AVENTURA COM KLAUSS VIANNA

Mas a minha grande aventura naquele momento foi o casamento com Klauss, porque meu pai queria que eu casasse com um primo. Aliás, naquela época se casava primo com primo o tempo inteiro e eu resisti delicadamente. Um dia eu escrevi uma carta para o meu pai. Eu e Klauss ficamos na companhia de Carlos Leite durante muitos anos, mas depois de lutar muito para meu pai me deixar casar com Klauss. Eu falei com meu pai que era com ele ou não era com ninguém, pois meu interesse não era casar, não era casar o que me comovia, mas era com quem casar. E com muito custo ele foi entendendo, até aceitar. E tive que usar de muita criatividade, para espantar os outros pretendentes, que eram muito ricos, muito lindos, mas não era isso que eu queria, eu queria algo maior, minha escolha era a arte. E esses pretendentes tinham outras ideias, abrir um grande comércio. Eu até fui mandada embora da loja do meu cunhado, que era de rendas, e ele falava em árabe comigo: você sempre vai dizer que gosta mais da renda bonita e não da outra que é menos cara. E eu sempre falava que eu gostava da outra, e ele me xingava em árabe: você não serve

19 Renée Gumiel (1913 – 2006) nasceu na França e veio para o Brasil em 1957. Foi bailarina e coreógrafa.

mesmo para vender. Eu não dou conta mesmo de vender nada.

Belo Horizonte tinha uma colônia de libaneses muito grande. A pessoa que eu achava mais interessante era a minha avó materna; ela era prima do meu avô, meu pai era primo da minha mãe. Meus avós chegaram ao Brasil quando Belo Horizonte ainda era Curral Del Rey, eles vieram de Beirute. Minha avó era uma pessoa poderosa, no sentido de chegar num lugar e dominar. Lá no Museu de Belo Horizonte tem um livro enorme, no qual a colocam como pioneira em Minas Gerais, pois ela lutava muito por Minas, ela cuidava de um abrigo para crianças. Ela fazia na casa dela muitas festas e encontros de músicos para angariar dinheiro para ajudar esse abrigo. Uma dessas crianças foi adotada por uma tia e hoje é minha prima, é herdeira de toda a família. Minha avó então lutou não só por ela, mas lutou por aquele local e por Minas.

Eu e Klauss acabamos casando em 1955, tivemos o Rainer em 1958. E eu disse para o Klauss que deveríamos abrir uma escola, já tínhamos conhecimento suficiente. E o Klauss morava com a avó dele, era uma pessoa muito interessante, era alemã, e eu perguntei a ela se nós poderíamos abrir uma escola na casa dela. Abrimos, em 1959, com o nome Escola Klauss Vianna; hoje ficaria no centro de Belo Horizonte, a casa está lá até hoje. A Escola funcionou divinamente. Quando Rainer já estava com um aninho, nós resolvemos deixar a casa só para isso e não mais morar nela. Na parte debaixo nós cedemos para o Teatro Experimental do Jota Dângelo e nós trabalhávamos na parte de cima e fazíamos intercâmbios. Por exemplo, Klauss fez um trabalho belíssimo no teatro com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, era um momento que nunca mais vamos ter, era um momento que a gente tinha o poder de estar juntos.

A ESCOLA KLAUSS VIANNA

Eu fundei a escola de dança e a primeira companhia de dança que era o Ballet Klaus Vianna, com muito trabalho, em Belo Horizonte. Eu tenho ainda os telegramas do Drummond para assistir o Ballet, mas infelizmente ele não pôde ir. Nós trabalhávamos com a Inconfidência Mineira, para entender melhor aquele momento. E o Paschoal Carlos Magno²⁰ nos convidou para irmos a Curitiba, que é um lugar muito especial da dança. Foram para lá várias escolas e companhias de dança que tinham naquele momento, do Brasil inteiro. Ele levou um número enorme de escolas. E a nossa escola foi convidada para levar uma aula de ballet e uma coreografia. De manhã o professor tinha que dar uma aula. Foi o primeiro grande

20 Paschoal Carlos Magno (1906 – 1980) nasceu no Rio de Janeiro, foi um dos renovadores do teatro brasileiro, crítico teatral e dramaturgo.

encontro de escolas de dança, que fez todo mundo se conhecer. E sempre uma ou duas pessoas da Geração Complemento nos acompanhavam, um jornalista ou dois.

Vocês já ouviram falar no Paschoal Carlos Magno? Em 1961, ele era uma pessoa de teatro, tinha uma casa belíssima no Rio de Janeiro, que foi absorvida pela Funarte, em Santa Teresa. A pessoa quando é humana e gosta do faz, ela cede, e ele cedeu essa casa. E a Aldeia de Arcozelo²¹. A arte é uma coisa muito importante e sem ela é muito difícil você dirigir o mundo; é o grande poder do ser humano, é a capacidade de fazer algo, é o momento de criação. E eu falo para os alunos: não existe quem não seja capaz de criar, é só acreditar e ter coragem. Não pode ficar sentado esperando, eu não esperei ninguém me ajudar, se eu tivesse esperado nada iria acontecer.

Naquela época a mãe da Isaura (Botelho) já tinha realizado vários trabalhos na área da música na Alemanha, e ela foi conosco para mostrar como a nossa escola tinha um cuidado com o trabalho com a música. Nós precisávamos fazer nossos alunos aprenderem a ouvir a música. Na aula de ballet da manhã, em Curitiba, o Klauss deu aula para quatorze crianças. Uma aula brilhante. Suzy Botelho²² colocou as crianças para ouvir música com os olhinhos fechados e marcando o compasso de música. Hoje eu tenho a Vera, que era daquela época e hoje é uma excelente professora de dança, que tem uma percepção musical fantástica. Nós proporcionamos às crianças ouvirem e não trabalhar com um sentido só, mas com todos os sentidos. Eu nem sei direito se isso veio de mim, do Klauss ou do momento.

Nós também estudamos muita anatomia, nós ficamos interessados em entender como nós poderíamos ajudar o trabalho corporal de uma criança. Mas em Minas havia poucos professores de anatomia, mas eu fui parar na odontologia, que tinha um professor que aceitou me dar aula, para mim e para o Klauss. Ele era da odontologia e eu da dança, mas era preciso entender o que é um corpo humano. Eu precisava entender como funciona esse corpo para eu poder utilizá-lo. Daí surgiu a parte de anatomia das escolas de dança. Eu e o Klauss decidimos então ensinar às pessoas a anatomia, a como usar as articulações. E com isso a anatomia hoje faz parte das artes.

21 Aldeia do Arcozelo, em Paty do Alferes, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1965 por Paschoal Carlos Magno para ser um local de formação de jovens artistas em diferentes campos artísticos. O local atualmente pertence à Funarte.

22 Suzy Piedade Chaga Botelho (1916-2002), nascida em Itapetininga, São Paulo. Aluna de Mário de Andrade, dedicou-se ao ensino de música, foi diretora do Madrigal Renascentista de Belo Horizonte e especialista em educação musical infantil. A partir dos anos 1960, a convite do compositor e maestro Claudio Santoro, integrou o Departamento de Música da Universidade de Brasília. Fundou com Ana Mae Barbosa e posteriormente Lúcia Valentim, a Escolinha de Arte da mesma universidade.

À noite fizemos a coreografia, Marília de Dirceu, da Inconfidência Mineira, e foi um ponto alto, o Klauss era um bom coreógrafo. Têm muitas fotos dessa época e eu mesma conto muita coisa dessa época.

Nessa época, em Belo Horizonte, o prefeito contratava o maestro Karabtchevsky, o Teatro Experimental e o Ballet Klauss Vianna, para uma apresentação em praça pública, tinha um caminhão que virava palco e ia para a periferia também. Era teatro, dança e música. Tinha de 3 a 4 mil pessoas numa praça pública. Era um momento especial.

CARREGARAM A GENTE PARA A BAHIA

A partir do encontro de dança em Curitiba, viram o meu trabalho e o do Klauss, e nos convidaram e carregaram para a Universidade Federal da Bahia. Quem fundou as escolas foi Koellreutter²³ e a grande figura era o reitor, Edgar Santos, que criou a escola de Dança, Música, Teatro e Artes Plásticas na UFBA, isso no início da década de 1960, mais ou menos, 1963.

Eu e o Klauss fechamos a escola em Belo Horizonte, foi muito triste porque a escola ia muito bem, muitos alunos ficaram arrasados, outros deixaram de fazer dança. Ficamos lá na Bahia dois anos e meio, que foram maravilhosos. O Koellreutter trouxe também muita gente maravilhosa da Alemanha, eram expressionistas. Nós dávamos aulas e colaborávamos com tudo que tinha que fazer lá na universidade. Mas apesar de ser um local federal, eu ganhando meu dinheiro e o Klauss também, chegou um momento que eu tinha que assinar um contrato e a nossa estadia lá seria para sempre. Eu não tinha que fazer concurso, pois eu já tinha mostrado o meu serviço e o Klauss, o dele. E já tinham dito que a gente tinha que ficar lá. Eu pensei duas vezes. A Bahia na época levava tempo até para você telefonar, eu não conseguia falar com a minha família antes de uma semana, mas era um lugar amável. Eu tinha um grande amigo, o Wilson Rocha, era um grande crítico de artes plásticas. O Walter Smetak²⁴ também estava lá na escola de música, ele era ótimo. O Klauss e o Rolf Gelewski²⁵ foram pessoas muito importantes na minha vida. Rolf era uma pessoa muito humana, muito dedicada ao que ele fazia. Mas eu decidi que eu tinha que ir embora para o Rio de Janeiro ou para São Paulo.

23 Hans-Joachim Koellreutter (1915 – 2015) músico alemão, mudou-se para o Brasil em 1937; em Salvador, criou em 1954 os Seminários Livres de Música, que deram origem à Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, dirigida por ele até 1962.

24 Walter Smetaki (1913 – 1984) nascido na Suíça, veio para o Brasil em 1937. Em 1957, chamado por Hans-Joachim Koellreutter, muda-se para Salvador, na Bahia, onde passa a ser pesquisador e professor na Universidade Federal da Bahia.

25 Rolf Gelewski (1930 – 1988), nascido na Alemanha e naturalizado brasileiro, foi um dançarino e coreógrafo fundador da CASA Sri Aurobindo. Foi diretor da Escola de Dança da UFBA.

Naquela época o pessoal se importava com o fato de ser um órgão federal e poder ganhar o seu dinheiro. Hoje também, meus alunos vivem de concurso. Eu acho ótimo, porque eu os preparei para serem bons professores, bons coreógrafos, e eles estão espalhados pelo Brasil inteiro, em tudo que é canto.

A ESCOLA ANGEL VIANNA

Quando eu saí de Salvador, Klauss queria vir para São Paulo e uma amiga que era do Transforma, Marilena Martins - ela estava no Rio de Janeiro -, queria que eu fosse para lá. Eu pensava: vou para o Rio ou vou para São Paulo? Eu falei para o Klauss: vamos experimentar o Rio? Quando eu cheguei no Rio, eu fui para a televisão. Eu dançava na TV Excelsior e na TV Tupi, até que uma amiga, que era diretora da escola de dança do teatro municipal, me encontrou seis meses depois no Leblon, me perguntou o que eu estava fazendo, e eu disse: dançando na televisão. Ela me disse, então, que eu ia parar de dançar na televisão e ia tomar conta da escola Tatiana Leskova. E aí eu disse para ela que eu já ia no dia seguinte mesmo tomar conta da escola. Fiquei com a Tatiana nove anos. Foi muito bom, ela me deixava usar o meu trabalho. Às vezes ela via que eu tirava o sapato das meninas, ela reclamava, mas deixava. Eu tirava porque eu tinha que trabalhar o pé delas e o ballet naquela época não era concebido sem sapatilhas.

O Klauss depois foi para o Teatro Municipal, no lugar da Tatiana. Mas ele ficou encantado com o teatro e ficou trabalhando no Teatro Ipanema. A primeira peça foi a “Ópera dos três vinténs”, com 40 atores. Ao mesmo tempo eu fui ajudar o Klauss e também fui bailarina da peça. O teatro mudou muito com o trabalho corporal vindo da dança. Tinha o José Wilker, era o primeiro trabalho dele, a Marília Pera, que era uma pessoa fantástica, tinha Dulcina de Moraes. E depois disso, nós fomos muito chamados para o teatro.

Em 1975, a Tereza d’Aquino²⁶ me conheceu lá na Tatiana e me perguntou se eu queria abrir uma escola com ela e o Klauss. Eu aceitei e fiquei oito anos com ela, chamava Centro de Estudo do Movimento e Artes, era perto do Canecão. Era um trabalho muito bonito. Naquela época, eu fundei a Companhia Teatro do Movimento, foi junto com o Klauss, mas eu trabalhava mais porque o Klauss ficou mais com o teatro. Essa Escola que nós fundamos com a Tereza ficou sendo chamada de Corredor Cultural. Porque tinha de tudo, teatro, dança, música.

26 Tereza d’Aquino, bailarina carioca, fundou junto com Angel Vianna, em 1975, o Centro de Pesquisa Arte e Educação no Rio de Janeiro.

Oito anos depois, Klauss resolve vir para São Paulo, ele era muito encantado com São Paulo. E ele decidiu tentar São Paulo em 1980. Um pouco antes, meu pai tinha morrido e me mandou um dinheiro e resolvi comprar uma casa para morar e uma casa para trabalhar. E é onde eu trabalho até hoje, é onde a meninada cresce, é a Escola Angel Vianna.

Lá no Rio de Janeiro eu abri o curso técnico, depois a faculdade e agora já temos cinco pós-graduações. E agora, como a nota da CAPES foi boa, eu quero dar entrada no pedido do Mestrado. Porque não tem mestrado em dança, a não ser na Bahia.

Formei agora neste ano seis angolanos. Eles tinham passado num concurso, e o governo de Angola lhes ofereceu a oportunidade de escolherem uma escola onde eles quisessem e depois eles tinham que voltar para Angola para trabalhar lá. Eu me encantei por eles, são maravilhosos. Formaram-se no ano passado. Ensinaram também a gente a dançar Kuduro. E lá na escola tem gente do Brasil inteiro, da Alemanha, Suíça.

Na Escola temos 70 pessoas trabalhando, entre funcionários e professores.

TEM OUTRA ÁREA QUE EU GOSTO MUITO QUE É A DO DEFICIENTE.

Tem uma coisa que eu gosto que é o trabalho de recuperação motora. Nós temos essa parte no curso técnico na escola Angel Vianna e existem muitos alunos que estão no Sarah²⁷, que fizeram dança e se especializaram nesse tipo de trabalho.

Em Belo Horizonte, na época que eu tive a escola, vieram duas ou três pessoas me procurar com dificuldades motoras e eu não disse não. Comecei a ajudar. Uma delas tinha síndrome de Down, hoje todo mundo conhece esse problema, mas naquela época não era assim.

Eu sou uma das poucas que trabalha com deficiência. A Tereza Takshel fundou a Companhia de Dança, ela dá aula na escola, e a Márcia Feijó é a vice-diretora. Esse trabalho com a deficiência surgiu em Minas, e eu trouxe minha experiência de uma pessoa que eu cuidei, fui quase médica dela, viajei com ela.

Eu estou com uma menina que eu acho fantástica, ela morava em Brasília, e fez o técnico comigo, como o Paulo Caldas²⁸, a Maria Alice Poppe²⁹, eram 3.600 horas no técnico da escola Angel Vianna. Já me falaram que

27 Rede Sarah, centro de reabilitação criado em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek.

28 Paulo Caldas é bailarino, coreógrafo, formado em Dança Contemporânea na Escola de Dança Angel Vianna. Atualmente é professor de dança na UFCE.

29 Maria Alice Poppe é bailarina, formada em balé clássico, dança moderna e contemporânea e graduada em Licenciatura Plena em Dança pela Faculdade Angel Vianna.

eu tinha um técnico com 300 horas a mais, sem permissão. Mas eu falei que eu dou mesmo a mais, a menos é que eu não dou. E isso não fez mal para os alunos, porque eles cresceram muito. E essa menina se formou e achou importante mostrar esse trabalho para o diretor do hospital Sarah. Mas o Sarah depois fez concurso para esse tipo de profissional e só da minha escola passaram sete alunos. É um trabalho de recuperação motora através da dança. Eu também era muito chamada para ir ao Engenho de Dentro, no Instituto Nise da Silveira, eu trabalhava com os “doidinhos” e muitos médicos queriam assistir a minha aula lá.

Lá na escola, nós fizemos um lugar especial para as aulas para deficientes, um lugar plano, porque a escola é muito vertical. Estamos terminando, estamos agora fazendo as rampas.

A BAILARINA DE 80 ANOS

Não teve nada que me desagradasse, nada. Começou muito bem e terminou muito bem. Tantas coisas maravilhosas aconteceram. A menina que me convidou foi minha aluna há alguns anos atrás e ela sempre me falava: - olha, o ano que vem você vai fazer o Circuito no Sesc³⁰. E eu pensei: será que eu vou dar conta de fazer esse circuito? Mas foi tão bom, tão fantástico.

Um dos lugares mais interessantes foi Porto Velho, o pessoal de uma delicadeza fora de série. Na porta do Sesc de Porto Velho, Maria Alice também estava, chegou uma senhora e disse assim: - Você que é a bailarina de 70 anos e que vai dançar? Eu falei: perfeitamente! Ela me disse: eu sou Margô e os botos me protegem. Então eu disse: você é uma pessoa legal mesmo! E ela me disse que vinha me ver dançar no dia seguinte. Depois veio outro, um gordinho, e disse: você é aquela que tem 80 anos, a poderosa? Sou. Ele é que ficava tomando conta do teatro e ficou meu grande amigo. Tinha muitos senhores na plateia. Saí de uma cidade como o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde são poucos homens que vão a um espetáculo de dança.

A maioria das pessoas não sabe que a dança vem de longe, de muitos anos atrás e que as pessoas dançavam a vida. Hoje ninguém quer dançar a vida, ninguém quer se mover. Fiquei muito feliz com cada lugar, com Manaus também, que superlotava o teatro e eram apenas dois dias e não dava para receber todo mundo. Em Manaus, visitei também duas universidades de dança, uma delas já estive na minha faculdade e eu fui lá dar uma palestra. Eles me chamavam para fazer bate-papo e foi fantástico. E quanto mais coisa eu tinha para fazer, menos cansaço eu sentia. Porque a dança é um estímulo bonito.

30 Angel Vianna participou do Circuito Nacional do Palco Giratório, em 2014.